

Gramado: o cinema de qualidade que o Brasil faz hoje

FERNANDO FERREIRA

Uma boa seleção de filmes concorrentes e uma apurada organização confirmaram, em 1978, a privilegiada posição do Festival de Cinema Brasileiro de Gramado (encerrado no último sábado) como um dos acontecimentos promocionais de cinema mais convincentes no País. Sem dúvida, a aspiração dessa mostra será equiparar-se, validamente, ao Festival de

Brasília, sem embargo de que a situação geográfica e política deste último por certo muito o beneficiam. A sua maneira, entretanto, o Festival de Gramado realiza frutuosa e a missão de propagandar e discutir o nosso cinema, numa cidade que parece perfeitamente conveniente ao conagraçamento e a intimidade e onde a distância de imediatas repercussões políticas favorecera pronunciamentos mais tranqüilos e decisões também menos empolgadas de excessos polêmicos.

S é cabe a comparação entre as duas mostras, parece, no entanto, desnecessária a emulação. Será melhor que sejam complementares e que cada uma realize a sua vocação, predominando, quanto possível, o objetivo cultural sobre o efêmero e o fútil que são, afinal, o muito de que se alimentam os noticiários sobre festivais de cinema, que insistem em fazer eco desejado das coisas que, à beira de piscina, se admitem pálida imitação das reservas de escândalo e picardia das praias de Cannes. A piscina, apesar da insistência de algumas "starlets", não predominou em Gramado, cuja programação deste ano incluiu, além da exibição dos filmes concorrentes, de longa e curta-metragem, os debates matinais sobre os filmes do dia anterior, um concurso de filmes Super-8, a exibição de programas especiais e encontros para discussão de temas interessando à produção, comercialização, distribuição e exibição de filmes. Prometia muito a reunião com exibidores, parcialmente frustrada por somente ter sido possível contar com a presença de homens do negócio no Rio Grande do Sul. Constava exatamente do pronunciamento dos cineastas presentes — a chamada Carta de Gramado — uma afirmação do desejo de transformar a histórica confrontação produtor nacional versus exibidor numa conjunção de esforços contra o predomínio, no mercado, do filme estrangeiro. Desta reunião o que se colheu, entretanto, não passou de algumas afirmações pitorescas de um exibidor sobre o mal, que produzem no hábito de frequência aos cinemas, os motéis, os cursos noturnos, o amor livre e a complacência da censura com os enlatados de televisão...

Sem dúvida, faz falta, na programação de Gramado, uma mostra de produções em 16mm. Esta bitola tem demonstrado sua extraordinária agilidade e oportunidade na captação de registros, flagrantes e documentos vivos do universo existencial brasileiro. Já em mais de uma oportunidade foram rolados filmes em 16, para posterior ampliação visando à exibição comercial, com resultados de nível qualitativo acima do comum, como é o caso de um dos filmes que concorreram no festival ("Diamante bruto", de Orlando Senna). E não custa lembrar que um filme da significação e importância de "Iaó", de Geraldo Sarno, cuja filmagem em 35 teria sido impossível, permanece desconhecido por muitos especialistas e interessados em cultura cinematográfica, no Sul do País. Gramado bem poderia ter sido a ocasião de veicular, dentro da repercussão de um festival prestigiado, este e outros igualmente criativos trabalhos produzidos na bitola 16mm. Se existe a intenção de, em futuro imediato, estender-se o Festival a essa faixa importantíssima da nossa produção cinematográfica, será de desejar-se que os cuidados com a exibição dos filmes 16mm sejam rigorosos, para que as insuficiências de aparelho ou de sala de projeção não venham a comprometer a condição de apreciação dos filmes e a sua qualidade. A criteriosa organização do Festival faz crer que tais medidas ainda serão incorporadas.

A mostra dos filmes concorrentes a prêmios em dinheiro e troféus "Kikito" (escultura em madeira) mobilizou a atenção e a disponibilidade da população da cidade e, claro, dos "festivalliers". A deste ano contou com seis filmes de longa-metragem e outros tantos de curta. No primeiro caso, uma representação equilibrada e representativa

do estágio atual da produção brasileira. A platéia carioca já travou contacto com "Barra pesada", de Reginaldo Farias, e "Ajuricaba", de Oswaldo Caldeira. Revistos em Gramado, esses dois filmes reafirmam seus méritos. O primeiro talvez tenha sido o mais enxuto de quantos filmes foram apresentados no festival. Um filme que buscou a eficiência, o diálogo fácil com o espectador, mas que não sacrificou a esses objetivos a responsabilidade e a denúncia candente da marginalização social, como das responsabilidades que, nesse teatro, fazem papel os mecanismos de repressão. Bem narrado e bem interpretado, "Barra pesada" saiu de Gramado com os prêmios de melhor atriz do festival (Kátia D'Angelo) e de melhor composição musical (Edu Lobo). "Ajuricaba" procurou — conforme o depoimento, em debate, do próprio realizador — o ritmo existencial do índio para melhor desenvolver uma narrativa em que este, ultrajado e espoliado, grita o seu direito à terra e à definição do seu destino humano e histórico. A ampliação da saga de Ajuricaba à resistência do homem brasileiro de nossos dias é um achado do filme de Caldeira que emociona e sacode o comodismo do espectador. Caldeira e Almir Muniz foram premiados pelo roteiro.

Os quatro outros filmes concorrentes em Gramado permanecem inéditos no Rio. Havia toda uma grande expectativa em torno de "Lúcio Flávio, o passageiro da agonia", de Hector Babenco (realizador de "O rei da noite"), adaptação do livro de José Louzeiro. Os que conhecem bem a trajetória desse marginal carismático terão se decepcionado com uma certa submissão do filme à fórmula do policial americano. Parece que, se não se perdeu, desperdiçou-se, em parte, um assunto admirável e



● Milton Gonçalves e Reginaldo Farias em "Lúcio Flávio, o passageiro da agonia", de Hector Babenco. Reginaldo foi considerado o melhor ator do Festival de Gramado.



● Cena de "Diamante bruto", de Orlando Senna. José Wilker e Gilda, estudante que o diretor descobriu na Chapada Diamantina, na Bahia, ganhadora do prêmio de revelação de atriz.

● Ivan Candido e Stepan Nercessian, em "Barra pesada", de Reginaldo Farias. Ivan foi considerado o melhor ator coadjuvante do festival



atualíssimo e que, na tela, ficou distante da discussão mais penetrante que poderia ser feita sobre o Esquadrão da Morte e seu papel na sociedade brasileira de nossos dias. Não se nega, entretanto, ao filme, qualidades notáveis em várias categorias do conjunto e que se traduziram, no resultado do festival,

em premiações ao ator Reginaldo Farias (em composição irretocável), ao ator coadjuvante Ivan Cândido (igualmente presente em "Barra pesada" e, nesta condição, também premiado), à fotografia límpida e realista de Lauro Escorel Filho, à montagem eficiente do tarimbado Silvio Renoldi.

"Diamante bruto", de Orlando Senna, "O jogo da vida", de Maurice Capovilla e "Doramundo", de João Baptista de Andrade, foram os outros filmes. Do romance "Bugrinha", de Afrânio Peixoto, Orlando Senna colheu o pretexto para "Diamante bruto", que rodou, em 1977, na Chapada Diamantina, na Bahia. As duas obras anteriores deste cineasta continuam desconhecidas do público brasileiro, pois tanto "Iracema" como "Gitirana" não foram liberados pela censura. Quem já os viu, reconhecerá em "Diamante" o mesmo tipo de proposta: infiltrar a ficção dentro do elemento documentário (ou associá-la a ele) de tal forma que um e outro se interdependam e se estimulem. Não faz concessões o cinema de Orlando Senna e a platéia mais acomodada reage impacientemente. Na verdade, de "Bugrinha" restou um fio de argumento, que serve de elemento de ligação, quando não de provocação, das incursões definidoras da reportagem fatural na qual se revela e se questiona a realidade social e econômica do garimpo. Foi na região mesma em que rodou seu filme que Senna descobriu, na estudante Gilda, a intérprete da "Bugrinha", um talento espontâneo que foi consagrado, em Gramado, com o prêmio especial do júri.

"O jogo da vida", de Maurice Capovilla, filme notavelmente bem construído, com um trio de intérpretes muito afinado (Maurício do Valle, Lima Duarte, Gianfrancesco Guarnieri), uma extraordinária participação da atriz Miriam Muniz (premiada como melhor atriz coadjuvante) e a sempre eloquente fotografia de Dib Lutfi, é um inquietante retrato do desespero e da ausência de perspectivas de uma faixa marginal (não exatamente criminal) da população de uma grande cidade brasileira. Capovilla, a partir desses três personagens, desenvolveu uma narrativa de precisão constante e emoção contida, onde as peregrinações dos três personagens centrais pelos salões de bilhar da noite e madrugada paulista compõem uma atmosfera de desalento questionador.

Finalmente "Doramundo", premiado como o melhor filme e a melhor direção, e mais a melhor cenografia-figurinos (Laonte Klawa), foi buscar em romance de Geraldo Ferraz sobre misteriosos assassinatos num acampamento ferroviário do interior de São Paulo, em 1939, os elementos de uma discussão sobre o poder, a dominação econômica e os abusos a que se entregam os responsáveis pelas situações de exceção. Nenhum crime se soluciona, nenhum caminho semelhante ao desvendamento de uma situação policial se define — o filme permanece como uma interrogação e uma exigência contra o torpor e a acomodação ante as agressões à lei e à justiça. Há seis anos afastado da direção de longa-metragens, João Baptista de Andrade demonstra, com "Doramundo", uma vigorosa personalidade autoral e uma talentosa habilidade na criação atmosférica do universo fechado em que são amordaçados e brutalizados seus personagens.

Os seis filmes de Gramado propuseram-se, sem dúvida, a uma discussão fecunda das indagações possíveis sobre a realidade do País, seja ela proposta nas ocorrências mesmas da nossa atualidade ou através de projeções que o passado lança sobre os dias que vivemos. Desta maneira, com seus erros e acertos, foi estimulante acompanhá-los e com eles estabelecer um diálogo gratificante de emoções e perplexidades.